

Comunidade de comunidades: uma nova paróquia

texto organizado por Pe Rafael C. Fornasier

1 - Textos do Concílio Vaticano II

Constituição *Lumen gentium*:

A Igreja, sociedade visível e espiritual

8. Cristo, mediador único, estabelece e continuamente sustenta sobre a terra, como um todo visível, a Sua santa Igreja, comunidade de fé, esperança e amor, por meio da qual difunde em todos a verdade e a graça. Porém, a sociedade organizada hierarquicamente, e o Corpo místico de Cristo, o agrupamento visível e a comunidade espiritual, a Igreja terrestre e a Igreja ornada com os dons celestes não se devem considerar como duas entidades, mas como uma única realidade complexa, formada pelo duplo elemento humano e divino. Apresenta por esta razão uma grande analogia com o mistério do Verbo encarnado. Pois, assim como a natureza assumida serve ao Verbo divino de instrumento vivo de salvação, a Ele indissolavelmente unido, de modo semelhante a estrutura social da Igreja serve ao Espírito de Cristo, que a vivifica, para o crescimento do corpo (cf. *Ef* 4,16).

26. Esta Igreja de Cristo está verdadeiramente presente em todas as legítimas comunidades locais de fiéis, as quais aderindo aos seus pastores, são elas mesmas chamadas igrejas no Novo Testamento¹. Pois elas são, no local em que se encontram, o novo Povo chamado por Deus, no Espírito Santo e com plena segurança (cf. *1Ts* 1, 5). Nelas se congregam os fiéis pela pregação do Evangelho de Cristo e se celebra o mistério da Ceia do Senhor “para que o corpo da inteira fraternidade seja unido por meio da carne e sangue do Senhor”². Em qualquer comunidade que participa do altar sob o ministério sagrado do Bispo³, é manifestado o símbolo do amor e da unidade do Corpo místico, sem o que não pode haver salvação⁴. Nestas comunidades, embora muitas vezes pequenas e pobres, ou dispersas, está presente Cristo, por cujo poder se unifica a Igreja una, santa, católica e apostólica⁵. Pois “outra coisa não faz a participação no corpo e sangue de Cristo, do que transformar-nos naquilo que recebemos”⁶.

Constituição *Sacrosanctum Concilium*, 42: Por consequência, deve cultivar-se no espírito e no modo de agir dos fiéis e dos sacerdotes a vida litúrgica da paróquia e a sua relação com o

¹ Cf. *At* 8,1; 14, 22-23; 20, 17.

² *Oração moçárabe*: PL 96, 759 B.

³ Cfr. S. Inácio M., *Smyrn.* 8, 1: ed. Funk, I, p. 282.

⁴ S. Tomás, *Summa Theol.* III, q. 73, a. 3.

⁵ Cf. S. Agostinho, *C. Faustum*, 12, 20: PL 42, 265; *Serm.* 57, 7: PL 38, 389.

⁶ S. Leão M., *Sermo* 63,7: PL 54, 357 C.

Bispo, e trabalhar para que floresça o sentido da comunidade paroquial, especialmente na celebração comunitária da missa dominical.

Decreto *Apostolicam actuositatem*:

Introdução: vários campos do apostolado dos leigos.

10. A paróquia dá-nos um exemplo claro de apostolado comunitário porque congrega numa unidade toda a diversidade humana que aí se encontra e a insere na universalidade da Igreja⁷. Acostumem-se os leigos a trabalhar na paróquia intimamente unidos aos seus sacerdotes⁸, a trazer para a comunidade eclesial os próprios problemas e os do mundo e as questões que dizem respeito à salvação dos homens, para que se examinem e resolvam no confronto de vários pareceres. Acostumem-se, por fim, a prestar auxílio a toda a iniciativa apostólica e missionária da sua comunidade eclesial na medida das próprias forças.

Cultivem o sentido de diocese, de que a paróquia é como que uma célula, e estejam sempre prontos, à voz do seu pastor, a somar as suas forças às iniciativas diocesanas. Mas, para responder às necessidades das cidades e das regiões rurais⁹, não confinem a sua cooperação dentro dos limites da paróquia ou da diocese, mas esforcem-se por estendê-la aos campos interparoquial, interdiocesano, nacional ou internacional. Tanto mais que a crescente migração de povos, o incremento de relações mútuas e a facilidade de comunicações já não permitem que parte alguma da sociedade permaneça fechada em si. Assim devem interessar-se pelas necessidades do Povo de Deus disperso por toda a terra. Em primeiro lugar, façam suas as obras missionárias, prestando auxílios materiais ou mesmo pessoais. Pois é dever e honra dos cristãos restituir a Deus parte dos bens que d'Ele recebem.

Importância das formas associadas

18. Os fiéis exerçam, por conseguinte, o seu apostolado trabalhando para um só fim¹⁰. Sejam apóstolos assim nas suas comunidades familiares como nas **paróquias** e dioceses, as quais exprimem a índole comunitária do apostolado. Exerçam-no também nas associações livres que resolverem formar.

Decreto *Christus Dominus*, 32: Por fim, seja a salvação das almas motivo para estabelecerem ou reverem ereções ou supressões de **paróquias**, ou quaisquer outras alterações que o Bispo poderá realizar por autoridade própria.

2 – Textos magisteriais

⁷ Cf. João XXIII, Constituição apostólica *Humanae salutis*, 25 dez. 1961, AAS 54 (1962), p. 7-10.

⁸ Cf. *Lumen gentium*, n. 33 s.: AAS 57 (1965), p. 39 s.; cf. também *Sacrosanctum concilium*, n. 26-40: AAS 56 (1964), p. 107-111; cf. *Inter mirifica*: AAS 56 (1964), p. 145-153; cf. *Decr. Unitatis Redintegratio*: AAS 57 (1965), p. 90-107; cf. *Christus Dominus*: n. 16, 17, 18; cf. *Gravissimum educationis*, n. 3, 5, 7.

⁹ Cf. Pio XII, *Alocução aos Cardeais*, 18 fev. 1946: AAS 38 (1946), p. 101-102; cfr. Pio XII, *Discurso aos Jovens operários Católicos*, 25 agosto 1957. AAS 49 (1957) p. 843.

¹⁰ Cf. Pio XII, *Aloc. ao I Congresso mundial do Apostolado dos leigos*, 15 out. 1951: AAS 43 (1951), p. 787-788.

Exortação apostólica *Christifideles laici*:

Participação dos fiéis leigos na vida da Igreja

25. Os fiéis leigos participam na vida da Igreja, não só pondo em ação os seus ministérios e carismas, mas também de muitas outras formas.

Essa participação encontra a sua primeira e necessária expressão na vida e missão das Igrejas particulares, das Dioceses, nas quais « está verdadeiramente presente e atua a Igreja de Cristo, una, santa, católica e apostólica »¹¹.

Igrejas particulares e Igreja Universal

Com vista a uma adequada participação na vida da Igreja, é absolutamente urgente que os fiéis leigos tenham uma ideia clara e precisa da Igreja particular na sua originária ligação com a Igreja universal. A Igreja particular não é o produto de uma espécie de fragmentação da Igreja universal, nem a Igreja universal resulta do simples somatório das Igrejas particulares; mas um laço vivo, essencial e perene as une entre si, enquanto a Igreja universal existe e se manifesta nas Igrejas particulares. Por isso, o Concílio afirma que as Igrejas particulares « são formadas à imagem da Igreja universal, das quais e pelas quais existe a Igreja católica, una e única »¹².

O mesmo Concílio incita fortemente os fiéis leigos a viver operosamente a sua pertença à Igreja particular, assumindo simultaneamente um respiro cada vez mais «católico»: « Cultivem constantemente — lemos no Decreto sobre o apostolado dos leigos — o sentido da Diocese, de que a Paróquia é como que uma célula, e estejam sempre prontos, à voz do seu pastor, a juntar as suas forças às iniciativas diocesanas. Mas, para responder às necessidades das cidades e das regiões rurais, não confinem a sua cooperação aos limites da Paróquia ou da Diocese, mas esforcem-se por estendê-la ao âmbito interparoquial, interdiocesano, nacional ou internacional. Tanto mais que a crescente migração dos povos, o incremento de relações mútuas e a facilidade de comunicações já não permitem que parte alguma da sociedade permaneça fechada em si. Assim, devem interessar-se pelas necessidades do Povo de Deus disperso por toda a Terra »¹³.

O recente Sínodo pediu, nesse sentido, que se favorecesse a criação dos Conselhos Pastorais diocesanos, a que se deveria recorrer conforme as oportunidades. Trata-se, na verdade, da principal forma de colaboração e de diálogo, bem como de discernimento, a nível diocesano. A participação dos fiéis leigos nestes Conselhos poderá aumentar o recurso à consulta, e o princípio da colaboração — que em determinados casos também é de decisão — e encontrará uma aplicação mais vasta e mais incisiva¹⁴.

¹¹ *Christus Dominus*, 11.

¹² *Lumen gentium*, 23.

¹³ *Apostolicam actuositatem*, 10.

¹⁴ *Propositio* 10.

A participação dos fiéis leigos nos Sínodos diocesanos e nos Concílios particulares, provinciais ou plenários, está contemplada no Código de Direito Canónico¹⁵; poderá contribuir para a comunhão e para a missão eclesial da Igreja particular, tanto no seu próprio âmbito, como em relação com as demais Igrejas particulares da Província eclesiástica ou da Conferência Episcopal.

As Conferências Episcopais são chamadas a descobrir a forma mais oportuna de desenvolver, a nível nacional ou regional, a consulta e a colaboração dos fiéis leigos, homens e mulheres: assim se poderão examinar bem os problemas comuns e melhor se manifestará a comunhão eclesial de todos¹⁶.

A paróquia

26. A comunhão eclesial, embora possua sempre uma dimensão universal, encontra a sua expressão mais imediata e visível na Paróquia: esta é a última localização da Igreja; é, em certo sentido, a própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas¹⁷.

É necessário que todos redescubramos, na fé, a verdadeira face da Paróquia, ou seja, o próprio «mistério» da Igreja presente e operante nela: embora, por vezes, pobre em pessoas e em meios, e outras vezes dispersa em territórios vastíssimos ou quase desaparecida no meio de bairros modernos populosos e caóticos, a Paróquia não é principalmente uma estrutura, um território, um edifício, mas é sobretudo «a família de Deus, como uma fraternidade animada pelo espírito de unidade»¹⁸, é «uma casa de família, fraterna e acolhedora»¹⁹, é a «comunidade de fiéis»²⁰. Em definitivo, a Paróquia está fundada sobre uma realidade teológica, pois ela é uma comunidade eucarística²¹. Isso significa que ela é uma comunidade idónea para celebrar a Eucaristia, na qual se situam a raiz viva do seu edificar-se e o vínculo sacramental do seu estar em plena comunhão com toda a Igreja. Essa idoneidade mergulha no facto de a Paróquia ser uma comunidade de fé e uma comunidade orgânica, isto é, constituída pelos ministros ordenados e pelos outros cristãos, na qual o pároco — que representa o Bispo diocesano —²² é o vínculo hierárquico com toda a Igreja particular.

¹⁵ Cf. C.I.C., cann. 443, § 4 e 463, §1 e 2.

¹⁶ *Propositio* 10.

¹⁷ Lemos no Concílio: «Visto que na sua Igreja o Bispo não pode presidir pessoalmente sempre e em toda a parte a todo o seu rebanho, vê-se na necessidade de constituir agrupamentos de fiéis, entre os quais têm lugar proeminente as Paróquias, organizadas localmente sob a presidência dum pastor que faz as vezes do Bispo. As Paróquias representam, de algum modo, a Igreja visível espalhada por todo o mundo.» (*Sacrosanctum Concilium*, 42)

¹⁸ *Lumen gentium*, 28.

¹⁹ *Catechesi tradendae*, 67: AAS 71 (1979), 1333.

²⁰ C.I.C., can. 515, 41.

²¹ Cf. *Propositio* 10.

²² Cf. *Sacrosanctum Concilium*, 42.

É deveras imenso o trabalho da Igreja nos nossos dias e, para realizá-lo, a Paróquia sozinha não pode bastar. Por isso, o Código de Direito Canónico prevê formas de colaboração entre paróquias no âmbito do território²³ e recomenda ao Bispo o cuidado de todas as categorias de fiéis, até das que não são atingidas pelo cuidado pastoral ordinário²⁴.

De fato, muitos lugares e formas de presença e de ação são absolutamente necessários para levar a palavra e a graça do Evangelho às variadas condições de vida dos homens de hoje, e muitas outras funções de irradiação religiosa e de apostolado do ambiente, no campo cultural, social, educativo, profissional etc., não podem ter como centro ou ponto de partida a Paróquia. Todavia, a Paróquia ainda hoje vive uma fase nova e prometedora. Como dizia Paulo VI, no início do seu Pontificado, dirigindo-se ao Clero romano: «Acreditamos simplesmente que esta antiga e veneranda estrutura da Paróquia tem uma missão indispensável de grande atualidade: pertence-lhe criar a primeira comunidade do povo cristão, iniciar e reunir o povo na expressão normal da vida litúrgica, conservar e reanimar a fé nas pessoas de hoje, dar-lhes a escola da doutrina salvadora de Cristo, praticar no sentir e na ação a humilde caridade das obras boas e fraternas »²⁵.

Os Padres sinodais, por sua vez, debruçaram-se cuidadosamente sobre a situação atual de muitas paróquias, pedindo para elas uma mais decidida renovação: «Muitas Paróquias, tanto nas zonas urbanas como em terras de missão, não conseguem funcionar plena e efetivamente por falta de meios materiais ou de homens ordenados, ou também pela excessiva extensão geográfica e pela especial condição de alguns cristãos (como, por exemplo, os refugiados e os emigrantes). Para que tais Paróquias sejam verdadeiramente comunidades cristãs, as autoridades locais devem favorecer: a) a adaptação das estruturas paroquiais à ampla flexibilidade concedida pelo Direito Canónico, sobretudo ao promover a participação dos leigos nas responsabilidades pastorais; b) as pequenas comunidades eclesiais de base, também chamadas comunidades vivas, onde os fiéis possam comunicar entre si a Palavra de Deus e exprimir-se no serviço e no amor; estas comunidades são autênticas expressões da comunhão eclesial e centros de evangelização, em comunhão com os seus Pastores...»²⁶. Para a renovação das paróquias e para melhor assegurar a sua eficácia operativa devem favorecer-se também formas institucionais de cooperação entre as diversas paróquias de um mesmo território.

O empenhamento apostólico na paróquia

27. Necessário se torna agora considerar mais de perto a comunhão e a participação dos fiéis leigos na vida da Paróquia. Nesse sentido deve chamar-se a atenção de todos os fiéis leigos, homens e mulheres, para uma observação tão verdadeira, significativa e estimulante, feita pelo Concílio: «No seio das comunidades da Igreja — lemos no Decreto sobre o apostolado dos leigos — a sua ação é tão necessária que, sem ela, o próprio apostolado dos pastores não pode conseguir, na maior parte das vezes, todo o seu efeito »²⁷. Esta é uma afirmação radical que, evidentemente, deve ser vista à luz da «eclesiologia de comunhão»: sendo diferentes e

²³ Cf. can. 555, 4 1, 1.

²⁴ Cf. can. 383, § 1.

²⁵ Paulo VI, *Discurso ao Clero romano* (24 de Junho de 1963): AAS 55 (1963), 674.

²⁶ *Propositio* 11.

²⁷ *Apostolicam actuositatem*, 10.

complementares, os ministérios e os carismas são todos necessários para o crescimento da Igreja, cada um segundo a própria modalidade.

Os fiéis leigos devem convencer-se cada vez mais do particular significado que tem o empenhamento apostólico na sua Paróquia. É ainda o Concílio que com autoridade o sublinha: «A Paróquia dá-nos um exemplo claro de apostolado comunitário porque congrega numa unidade toda a diversidade humana que aí se encontra e insere essa diversidade na universalidade da Igreja. Habituem-se os leigos a trabalhar na Paróquia intimamente unidos aos seus sacerdotes, a trazer para a comunidade eclesial os próprios problemas e os do mundo e as questões que dizem respeito à salvação dos homens, para que se examinem e resolvam com o concurso de todos. Habituem-se a prestar auxílio a toda a iniciativa apostólica e missionária da sua comunidade eclesial na medida das próprias forças»²⁸.

O acento posto pelo Concílio na análise e na solução dos problemas pastorais «com o contributo de todos» deve encontrar o seu progresso adequado e estruturado na valorização cada vez mais convicta, ampla e decidida, dos Conselhos pastorais paroquiais, nos quais justamente insistiram os Padres sinodais²⁹.

Nas atuais circunstâncias, os fiéis leigos podem e devem fazer muitíssimo para o crescimento de uma autêntica comunhão eclesial no seio das suas paróquias e para o despertar do impulso missionário em ordem aos não crentes e, mesmo, aos crentes que tenham abandonado ou arrefecido a prática da vida cristã.

A Paróquia, sendo a Igreja colocada no meio das casas dos homens, vive e atua profundamente integrada na sociedade humana e intimamente solidária com as suas aspirações e os seus dramas. Frequentemente, o contexto social, sobretudo em certos países e ambientes, é violentamente sacudido por forças de desagregação e de desumanização: o homem pode encontrar-se perdido e desorientado, mas no seu coração permanece o desejo, cada vez maior, de poder sentir e cultivar relações mais fraternas e humanas. A resposta a esse desejo pode ser dada pela Paróquia, quando esta, graças à participação viva dos fiéis leigos, se mantém coerente com a sua originária vocação e missão: ser no mundo «lugar» da comunhão dos crentes e, ao mesmo tempo, «sinal» e «instrumento» da vocação de todos para a comunhão; numa palavra, ser a casa que se abre para todos e que está ao serviço de todos, ou, como gostava de dizer o Papa João XXIII, o fontanário da aldeia a que todos acorrem na sua sede.

Colaboradores de Deus educador

61. Dentro da Igreja particular ou diocese, encontra-se e atua a paróquia, que tem um papel essencial na formação mais imediata e pessoal dos fiéis leigos. Efetivamente, com uma relação que pode atingir mais facilmente cada pessoa e cada grupo, a Paróquia é chamada a educar os seus membros para a escuta da Palavra, para o diálogo litúrgico e pessoal com Deus, para a vida de caridade perfeita, permitindo-lhes compreender, de forma mais direta e concreta, o sentido da comunhão eclesial e da responsabilidade missionária.

²⁸ Ibid.

²⁹ Cf. *Propositio* 10.

Depois, no seio de algumas Paróquias, sobretudo quando vastas e dispersas, as pequenas comunidades eclesiais existentes podem dar uma ajuda notável na formação dos cristãos, podendo tornar mais capilares e incisivas a consciência e a experiência da comunhão e da missão eclesial. Uma ajuda pode ser dada, como disseram os Padres sinodais, também por uma catequese pós-baptismal, em forma de catecumenato, através de uma ulterior proposta de certos conteúdos do «Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos», destinados a permitir uma maior compreensão e vivência das imensas e extraordinárias riquezas e da responsabilidade do Baptismo recebido³⁰.

Na formação que os fiéis leigos recebem na diocese e na Paróquia, especialmente em ordem ao sentido da comunhão e da missão, tem particular importância a ajuda que os vários membros da Igreja se dão reciprocamente: é uma ajuda que, revela e simultaneamente realiza o mistério da Igreja Mãe e Educadora. Os sacerdotes e os religiosos devem ajudar os fiéis leigos na sua formação. Neste sentido, os Padres do Sínodo convidaram os presbíteros e os candidatos às Ordens a «prepararem-se diligentemente para serem capazes de favorecer a vocação e a missão dos leigos»³¹. Por sua vez, os próprios fiéis leigos podem e devem ajudar os sacerdotes e os religiosos no seu caminho espiritual e pastoral.

Exortação apostólica *Ecclesia in Europa*:

A paróquia e os movimentos eclesiais

15. O Evangelho continua a dar os seus frutos nas comunidades paroquiais, no meio das pessoas consagradas, nas associações de leigos, nos grupos de oração e de apostolado, nas diversas comunidades juvenis, e também através da presença e difusão de novos movimentos e realidades eclesiais. De facto, em cada um deles o mesmo Espírito consegue suscitar renovada dedicação ao Evangelho, generosa disponibilidade ao serviço, vida cristã caracterizada por radicalismo evangélico e zelo missionário.

Embora carecida de constante renovação³², a **paróquia** continua ainda hoje a deter e a realizar na Europa, tanto nos países pós-comunistas como no Ocidente, uma missão indispensável e de grande atualidade no âmbito pastoral e eclesial. É capaz ainda de proporcionar aos fiéis o espaço para um real exercício da vida cristã e ser lugar também de autêntica humanização e sociabilização, quer no contexto dispersivo e anónimo típico das grandes cidades modernas quer em zonas rurais com pouca população.

3 - Documento de Aparecida e DGAE 2011-2015:

Documento de Aparecida

³⁰ Cf. *Propositio* 11.

³¹ *Propositio* 40.

³² Cf. João Paulo II, Exort. ap. pós-sinodal *Christifideles laici* (30 de Dezembro de 1988), 26: AAS 81 (1989), 439.

99. e. Crescem os esforços de renovação pastoral nas paróquias, favorecendo o encontro com Cristo vivo, mediante diversos métodos de nova evangelização que se transformam em comunidade de comunidades evangelizadas e missionárias. Contata-se em alguns lugares um florescimento de comunidades eclesiais de base, segundo o critério das Conferências Gerais anteriores, em comunhão com os Bispos e fiéis ao Magistério da Igreja³³. 39 Valoriza-se a presença e o crescimento dos movimentos eclesiais e novas comunidades que difundem sua riqueza carismática, educativa e evangelizadora. Tem-se tomado consciência da importância da pastoral Familiar, da Infância e Juvenil.

A paróquia, comunidade de comunidades

170. Entre as comunidades eclesiais, nas quais vivem e se formamos discípulos e missionários de Jesus Cristo, sobressaem as Paróquias. São células vivas da Igreja³⁴ e o lugar privilegiado no qual a maioria dos fiéis tem uma experiência concreta de Cristo e a comunhão eclesial.³⁵ São chamadas a ser casas e escolas de comunhão. Um dos maiores desejos que se têm expressado nas Igrejas da América Latina e do Caribe, motivando a preparação da V Conferência Geral, é o de uma valente ação renovadora das Paróquias, a fim de que sejam de verdade “espaços da iniciação cristã, da educação e celebração da fé, abertas à diversidade de carismas, serviços e ministérios, organizadas de modo comunitário e responsável, integradoras de movimentos de apostolado já existentes, atentas à diversidade cultural de seus habitantes, abertas aos projetos pastorais e supra-paroquiais e às realidades circundantes.”³⁶

171. Todos os membros da comunidade paroquial são responsáveis pela evangelização dos homens e mulheres em cada ambiente. O Espírito Santo, que atua em Jesus Cristo, é também enviado a todos enquanto membros da comunidade, porque sua ação não se limita ao âmbito individual. A tarefa missionária se abre sempre às comunidades, assim como ocorreu em Pentecostes (cf. At 2,1-13).

172. A renovação das paróquias no início do terceiro milênio exige a reformulação de suas estruturas, para que seja uma rede de comunidades e grupos, capazes de se articular conseguindo que seus membros se sintam realmente discípulos e missionários de Jesus Cristo em comunhão. A partir da paróquia, é necessário anunciar o que Jesus Cristo “fez e ensinou” (At 1,1) enquanto esteve entre nós. Sua pessoa e sua obra são a boa nova de salvação anunciada pelos ministros e testemunhas da Palavra que o Espírito desperta e inspira. A palavra acolhida é salvífica e reveladora do mistério de Deus e de sua vontade. Toda paróquia é chamada a ser o espaço onde se recebe e se acolhe a Palavra, onde se celebra e se expressa na adoração do Corpo de Cristo, e assim é a fonte dinâmica do discipulado missionário. Sua própria renovação exige que se deixe iluminar de novo e sempre pela Palavra viva e eficaz.

173. A V Conferência Geral é uma oportunidade para que todas as nossas paróquias se tornem missionárias. O número de católicos que chegam à nossa celebração dominical é limitado; é imenso o número dos distanciados, assim como o número daqueles que não conhecem a Cristo. A renovação missionária das paróquias se impõe, tanto na evangelização das grandes

³³ Cf. *Puebla*, 261, 617, 638, 731 e 940; *Santo Domingo*, 62.

³⁴ Cf. *AA*, 10; *SD*, 55.

³⁵ *EAm*, 41.

³⁶ *Ibid.*

idades como do mundo rural de nosso Continente, que está exigindo de nós imaginação e criatividade para chegar às multidões que desejam o Evangelho de Jesus Cristo. Particularmente no mundo urbano, é urgente a criação de novas estruturas pastorais, visto que muitas delas nasceram em outras épocas para responder às necessidades do âmbito rural.

174. Os melhores esforços das paróquias neste início do terceiro milênio devem estar na convocação e na formação de leigos missionários. Só através da multiplicação deles poderemos chegar a responder às exigências missionárias do momento atual. Também é importante recordar que o campo específico da atividade evangelizadora leiga é o complexo mundo do trabalho, da cultura, das ciências e das artes, da política, dos meios de comunicação e da economia, assim como as esferas da família, da educação, da vida profissional, sobretudo nos contextos onde a Igreja se faz presente somente por eles³⁷.

175. Seguindo o exemplo da primeira comunidade cristã (cf. *At* 2,46-47), a comunidade paroquial se reúne para partir o pão da Palavra e da Eucaristia e perseverar na catequese, na vida sacramental e na prática da caridade.³⁸ Na celebração eucarística, ela renova sua vida em Cristo. A Eucaristia, na qual se fortalece a comunidade dos discípulos, é para a Paróquia uma escola de vida cristã. Nela, juntamente com a adoração eucarística e com a prática do sacramento da reconciliação para comungar dignamente, seus membros são preparados para dar frutos permanentes de caridade, reconciliação e justiça para a vida do mundo.

a) A Eucaristia, fonte e ponto alto da vida cristã, faz com que nossas paróquias sejam sempre comunidades eucarísticas que vivem sacramentalmente o encontro com o Cristo Salvador. Elas também celebram com alegria:

b) No batismo: a incorporação de um novo membro a Cristo e a seu corpo que é a Igreja.

c) Na Confirmação: a perfeição do caráter batismal e o fortalecimento da pertença eclesial e da maturidade apostólica.

d) Na Penitência ou Reconciliação: a conversão que todos necessitamos para combater o pecado que nos faz incoerentes com os compromissos batismais.

e) Na Unção dos Enfermos; o sentido evangélico dos membros da comunidade, seriamente enfermos ou em perigo de morte.

f) No sacramento da Ordem: o dom do ministério apostólico que continua sendo exercido na Igreja para o serviço pastoral a todos os fiéis.

g) No Matrimônio: o amor entre o casal que como graça de Deus germina e cresce até a maturidade, tornando efetiva na vida cotidiana a doação total que mutuamente fizeram ao se casar.

176. A Eucaristia, sinal da unidade com todos, que prolonga e faz presente o mistério do Filho de Deus feito homem (cf. *Fl* 2,6-8), nos propõe a exigência de uma evangelização integral. A imensa maioria dos católicos de nosso continente vive sob o flagelo da pobreza. Esta tem

³⁷ *LG*, 31.33; *GS*, 43; *AA*, 2.

³⁸ Bento XVI, *Audiência Geral*, Viagem Apostólica ao Brasil, 23 de maio de 2007.

diversas expressões: econômica, física, espiritual, moral etc. Se Jesus veio para que todos tenhamos vida em abundância, a paróquia tem a maravilhosa ocasião de responder às grandes necessidades de nossos povos. Para isso, tem que seguir o caminho de Jesus e chegar a ser a boa samaritana como Ele. Cada paróquia deve chegar a concretizar em sinais solidários seu compromisso social nos diversos meios em que se move, com toda “a imaginação da caridade”³⁹. Não pode ser alheia aos grandes sofrimentos que a maioria de nossa gente vive e que com muita frequência são pobreza escondidas. Toda autêntica missão unifica a preocupação pela dimensão transcendente do ser humano e por todas as suas necessidades concretas, para que todos alcancem a plenitude que Jesus Cristo oferece.

177. Bento XVI nos recorda que “o amor à Eucaristia leva também a apreciar cada vez mais o Sacramento da Reconciliação”⁴⁰. Vivemos numa cultura marcada por forte relativismo e perda do sentido do pecado que nos leva a esquecer a necessidade do sacramento da Reconciliação para nos aproximarmos dignamente a fim de recebermos a Eucaristia. Como pastores, somos chamados a fomentar a confissão frequente. Convidamos nossos presbíteros a dedicar tempo suficiente para oferecer o sacramento da reconciliação com zelo pastoral e entranhas de misericórdia, a preparar dignamente os lugares da celebração, de maneira que sejam expressão do significado deste sacramento. Igualmente, pedimos a nossos fiéis que valorizem esse presente maravilhoso de Deus e se aproximem dele para renovar a graça batismal e viver, com maior autenticidade, o chamado de Jesus a serem seus discípulos e missionários. Nós, bispos e presbíteros, ministros da reconciliação, somos chamados a viver, de maneira particular, na intimidade com o Mestre. Somos conscientes de nossa fraqueza e da necessidade de sermos purificados pela graça do sacramento, que se nos oferece para nos identificarmos, cada vez mais, com Cristo, Bom Pastor e missionário do Pai. Simultaneamente, com plena disponibilidade, temos a alegria de ser ministros da reconciliação, e também nós temos de nos aproximar frequentemente, em caminho penitencial, do Sacramento da Reconciliação.

Comunidades Eclesiais de Base e Pequenas Comunidades

178. Na experiência eclesial de algumas Igrejas da América Latina e do Caribe, as Comunidades Eclesiais de Base têm sido escolas que têm ajudado a formar cristãos comprometidos com sua fé, discípulos e missionários do Senhor, como o testemunha a entrega generosa, até derramar o sangue, de muitos de seus membros. Elas abraçam a experiência das primeiras comunidades, como estão descritas nos Atos dos Apóstolos (At 2,42-47). Medellín reconheceu nelas uma célula inicial de estruturação eclesial e foco de fé e evangelização⁴¹. Puebla constatou que as pequenas comunidades, sobretudo as comunidades eclesiais de base, permitiram ao povo chegar a um conhecimento maior da Palavra de Deus, ao compromisso social em nome do Evangelho, ao surgimento de novos serviços leigos e à educação da fé dos adultos⁴²; no entanto, também constatou “que não têm faltado membros de comunidade ou comunidades

³⁹ NMI, 50.

⁴⁰ SC, 20.

⁴¹ Cf. Medellín 15.

⁴² Cf. Puebla 629.

inteiras que, atraídas por instituições puramente leigas ou radicalizadas ideologicamente, foram perdendo o sentido eclesial”⁴³.

180. Como resposta às exigências da evangelização, junto com as comunidades eclesiais de base, existem outras formas válidas de pequenas comunidades, inclusive redes de comunidades, de movimentos, grupos de vida, de oração e de reflexão da palavra de Deus. Todas as comunidades e grupos eclesiais darão fruto na medida em que a Eucaristia for o centro de sua vida e a Palavra de Deus for o farol de seu caminho e de sua atuação na única Igreja de Cristo.

Paróquia e iniciação cristã

293. A **paróquia** precisa ser o lugar onde se assegure a iniciação cristã e terá como tarefas irrenunciáveis: iniciar na vida cristã os adultos batizados e não suficientemente evangelizados; educar na fé as crianças batizadas em um processo que as leve a completar sua iniciação cristã; iniciar os não batizados que, havendo escutado o querigma, querem abraçar a fé. Nessa tarefa, o estudo e a assimilação do Ritual de Iniciação Cristã de Adultos é referência necessária e apoio seguro.

294. Assumir essa iniciação cristã exige não só uma renovação de modalidade catequética da paróquia. Propomos que o processo catequético de formação adotado pela Igreja para a iniciação cristã seja assumido em todo o Continente como a maneira ordinária e indispensável de introdução na vida cristã e como a catequese básica e fundamental. Depois, virá a catequese permanente que continua o processo de amadurecimento da fé; nela se deve incorporar o discernimento vocacional e a iluminação para projetos pessoais de vida.

296. No entanto, apesar da boa vontade, a formação teológica e pedagógica dos catequistas não costuma ser a desejável. Os materiais e subsídios são com frequência muito variados e não se integram em uma pastoral de conjunto; e nem sempre são portadores de métodos pedagógicos atualizados. Os serviços catequéticos das **paróquias** frequentemente carecem de colaboração próxima das famílias. Os párocos e demais responsáveis não assumem com maior empenho a função que lhes corresponde como primeiros catequistas.

Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora no Brasil (2011-2015)

57. As Diretrizes anteriores afirmavam: “concretamente, para a maioria dos nossos fiéis, a relação com a Igreja se restringe aos chamados serviços paroquiais. É aí que a maioria das pessoas, atualmente, se relaciona com a Igreja”. E concluíam: “por isso, as paróquias têm um papel fundamental na evangelização e precisam tornar-se sempre mais comunidades vivas e dinâmicas de discípulos missionários de Jesus”⁴⁴.

62. O caminho para que a paróquia se torne verdadeiramente uma comunidade de comunidades é inevitável, desafiando a criatividade, o respeito mútuo, a sensibilidade para o momento histórico e a capacidade de agir com rapidez. Mesmo consciente de que processos

⁴³ Ibid.

⁴⁴ DGAE 2008-2010, n. 154.

humanos e transformações de mentalidade não acontecem de uma hora para outra, a Igreja no Brasil se compromete em acelerar ainda mais o processo de animação e fortalecimento de efetivas comunidades, que buscam intensificar a vida cristã por meio de autêntico compromisso eclesial. A setorização da paróquia⁴⁵ pode favorecer o nascimento de comunidades, pois valoriza os vínculos humanos e sociais. Assim, a Igreja se faz presente nas diversas realidades, vai ao encontro dos afastados, promove novas lideranças e a iniciação à vida cristã acontece no ambiente em que as pessoas vivem.

99. Por isso, independente das inúmeras dificuldades, é urgente que a paróquia se torne, cada vez mais, *comunidade de comunidades vivas e dinâmicas* de discípulos missionários de Jesus Cristo.

101. Sabemos que nem sempre é fácil passar de uma paróquia centralizada num único prédio, onde acontecem todas as atividades, a uma paróquia comunidade de comunidades espalhadas por todo o seu território. Importa, porém, investir na descentralização, seja iniciando experiências significativas, seja reconhecendo, no dia a dia das comunidades, o que já existe. O importante é ter sempre em conta a advertência de Aparecida: ninguém pode se isentar de dar estes passos⁴⁶.

138. A comunidade eclesial necessita pensar os organismos de articulação da ação (assembleias, conselhos), os mecanismos de coordenação (equipes de coordenação de âmbitos eclesiais e de serviços específicos), e os primeiros responsáveis (bispo, pároco, coordenadores), discriminando suas respectivas funções. Neste particular, à luz do apelo do Documento de Aparecida em prol de uma Igreja em estado permanente de missão, apresenta-se o grande desafio de renovação da paróquia, através de sua setorização em unidades menores, tendo à frente uma equipe de coordenação integrada por leigos e leigas e, dentro dos setores, da criação de comunidades de famílias⁴⁷.

4 – Textos do Sínodo para a Nova Evangelização

Instrumentum laboris

Transformações da paróquia e nova evangelização

80. Muitas respostas recebidas descrevem uma Igreja empenhada num intenso trabalho de transformação da sua presença entre as pessoas e no seio da sociedade. As Igrejas mais jovens trabalham para dar vida a paróquias muito extensas, animando-as internamente com o instrumento que, segundo os contextos geográficos e eclesiais, assume o nome de “comunidades eclesiais de base” ou de “pequenas comunidades cristãs”. Elas afirmam o propósito de favorecer lugares de vida cristã, sobretudo na dispersão das grandes metrópoles, capazes de animar melhor a fé de quem pertence a elas e de irradiar com o seu testemunho o espaço social. As Igrejas com raízes mais antigas trabalham na revisão dos seus programas

⁴⁵ DAp, nn. 197, 172 e 372.

⁴⁶ DAp, n. 365.

⁴⁷ Cf. Idem, n. 372.

paroquiais, geridos sempre com maior dificuldade, em consequência da diminuição do clero e da prática cristã. A intenção declarada é para evitar que semelhantes operações se transformem em procedimentos administrativos e burocráticos e tenham um efeito não desejado: que as Igrejas particulares, já demasiado ocupadas por estes problemas de carácter de gestão, acabem por se fechar em si mesmas. A este respeito mais de uma experiência refere a figura das “unidades pastorais”, como um meio para conjugar a revisão do programa paroquial e o estabelecimento de uma cooperação para uma Igreja particular mais comunitária.

81. A nova evangelização é o chamamento da Igreja à sua originária finalidade missionária. Semelhantes ações podem, por isso, como afirmam muitas respostas, adoptar a nova evangelização para dar às reformas em curso um sentido menos voltado para o interior das comunidades cristãs e mais empenhada no anúncio da fé a todos. Neste sentido, espera-se muito das paróquias, tidas como a mais capilar porta de acesso à fé cristã e às experiências eclesiais. Para além de serem o lugar da pastoral ordinária, das celebrações litúrgicas, da administração dos sacramentos, da catequese e do catecumenato, elas têm a missão de se tornarem verdadeiros centros de irradiação e de testemunho da experiência cristã, sentinelas capazes de escutar as pessoas e as suas necessidades. Elas são lugares em que se educa para a procura da verdade, se nutre e reforça a própria fé, pontos de comunicação da mensagem cristã, do projeto de Deus sobre o homem e sobre o mundo, primeiras comunidades em que se experimenta a alegria de sermos reunidos pelo Espírito e preparados para viver o mandato missionário.

82. As energias a serem empregues nesta operação não faltam: todas as respostas indicam como primeiro grande recurso o número de leigos batizados, que estão empenhados e prosseguem firmemente o seu serviço voluntário nesta tarefa de animação das comunidades paroquiais. Muitos reconhecem, no florir desta vocação laical, um dos frutos do Concílio Vaticano II, a par de outros recursos: as comunidades de vida consagrada; a presença de grupos e movimentos que com o seu fervor, as suas energias e, sobretudo, com a sua fé dão um forte impulso à vida nova nos espaços eclesiais; os santuários que, com a devoção, são pontos de referência para a fé nas Igrejas particulares.

83. Com estas indicações precisas e ricas de esperança, as respostas aos *Lineamenta* mostram que a perspectiva assumida é a de um lento mas eficaz trabalho de revisão do modo de ser Igreja no meio das pessoas, que evite os obstáculos do sectarismo e da “religião civil”, e permita manter a forma de uma Igreja missionária. Por outras palavras, a Igreja precisa de não perder o rosto de Igreja “doméstica, popular”. Mesmo em contextos de minoria ou de discriminação, a Igreja não deve perder a sua prerrogativa de manter-se próxima da vida quotidiana das pessoas, de modo a anunciar, a partir daquele lugar, a mensagem vivificante do Evangelho. Como afirmava João Paulo II, a nova evangelização significa refazer o tecido cristão da sociedade humana, reconstruindo o tecido das mesmas comunidades cristãs; implica ajudar a Igreja a continuar a estar presente “no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas”⁴⁸, para animar a sua vida e encaminhá-la para o Reino que vem.

⁴⁸ João Paulo II, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Christifideles laici* (30 Dezembro 1988), 26: AAS 81 (1989) 438. Cf. também n. 34: AAS 81 (1989) 455.

84. Uma outra reflexão deve ser feita sobre a questão da falta de clero: todos os textos lamentam a insuficiência numérica do clero, que conseqüentemente não consegue assumir de modo sereno e eficaz a gestão desta transformação do modo de ser Igreja. Algumas respostas desenvolvem uma análise detalhada do problema, lendo esta crise em paralelo à análoga crise do matrimônio e das famílias cristãs. Em muitas respostas afirma-se a necessidade de pensar uma organização local da Igreja que integre sempre mais, a par da figura dos presbíteros, figuras laicais na animação das comunidades. Várias respostas, sobre problemáticas semelhantes, esperam do debate sinodal palavras clarificadoras e perspectivas para o futuro. Quase todas as respostas contêm, por fim, um convite a ativar em toda a Igreja uma forte pastoral vocacional, que parta da oração, responsabilize todos os sacerdotes e consagrados, solicitando-lhes um estilo que saiba testemunhar o fascínio do chamamento recebido, saiba individualizar modos de falar aos jovens. Isto refere-se também às vocações à vida consagrada, especialmente as femininas. Algumas respostas também sublinharam a importância de uma formação adequada nos seminários e noviciados, bem como nos centros acadêmicos, tendo em vista a nova evangelização.

Mensagem final do Sínodo dos Bispos sobre a Nova Evangelização

8. A comunidade eclesial e muitos agentes de evangelização

Nenhuma pessoa ou grupo na Igreja tem direito exclusivo sobre a obra de evangelização. É o trabalho das comunidades eclesiais como tal, onde se tem acesso a todos os meios para encontrar Jesus: a Palavra, os sacramentos, a comunhão fraterna, serviço da caridade, da missão.

Nesta perspectiva, o papel da **paróquia** surge acima de tudo como a presença da Igreja, onde homens e mulheres vivem “a fonte da aldeia”, como João XXIII gostava de chamá-lo, a partir do qual todos podem beber, encontrando nela o frescor do Evangelho. Ela não pode ser abandonada, mesmo que as mudanças possam exigir que seja feita de pequenas comunidades cristãs ou para criar vínculos de colaboração dentro de contextos maiores pastorais.

Exortamos nossas paróquias para se juntar às novas formas de missão exigidas pela nova evangelização para o cuidado pastoral tradicional do povo de Deus. Estes também devem permear as várias expressões importantes da piedade popular.

Na **paróquia**, o ministério do sacerdote – pai e pastor de seu povo – continua a ser crucial. Para todos os sacerdotes, os bispos desta Assembleia sinodal expressa agradecimentos e proximidade fraterna para sua difícil tarefa. Convidamo-los a fortalecer os laços do presbitério diocesano, para aprofundar a sua vida espiritual, e para uma formação contínua que lhes permite enfrentar as mudanças.

Proposições finais do Sínodo⁴⁹

3 - Respostas pastorais às circunstâncias atuais

⁴⁹ Tradução de Pe Rafael C. Fornasier

Proposição 26: Paróquias e outras realidades eclesiais

Os bispos reunidos no Sínodo afirmam que a paróquia continua sendo presença primeira da Igreja na localidade (bairro), o lugar e o instrumento da vida cristã, que é capaz de oferecer oportunidades para o diálogo em meio aos homens, para ouvir e anunciar a Palavra de Deus, para uma catequese orgânica, para o exercício da caridade, para a oração, adoração e animadas celebrações eucarísticas. Além disso, os Padres Sinodais gostariam de encorajar as paróquias a encontrar caminhos para se orientarem para uma maior ênfase na evangelização, a qual pode incluir missões paroquiais, renovados programas e retiros paroquiais. A presença e a ação evangelizadora de associações, movimentos e de outras realidades eclesiais são estímulos úteis para a realização da **conversão pastoral**. As paróquias, juntamente com tradicionais e novas realidades eclesiais, são chamadas a tornar visível a comunhão da Igreja particular unida em torno ao bispo.

A fim de levar a todos os povos a Boa Nova de Jesus, como solicitado pela Nova Evangelização, todas as paróquias e suas pequenas comunidades devem ser células vivas, lugares de promoção do encontro pessoal e comunitário com Cristo, de experiência da riqueza da liturgia, para dar uma formação cristã inicial e permanente, e para educar todos os fiéis na fraternidade e na caridade, especialmente em relação aos pobres.

Proposição 44: Nova Evangelização na Paróquia

A paróquia, em e através de todas as suas atividades, deve animar seus membros a se tornarem agentes da Nova Evangelização, testemunhando através de suas palavras e suas vidas. Por essa razão, é importante lembrar que a paróquia permanece o lugar usual para a vida espiritual dos paroquianos. O Sínodo, por conseguinte, encoraja a paróquia a visitar as famílias como um modo de renovação da paróquia. Às vezes acontece que a paróquia seja somente vista como um lugar para eventos importantes ou até como um centro turístico.